

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Nelson Carolino Neto

**CULTURA E PERSONALIDADE: A QUESTÃO DO “INADAPTADO” A PARTIR DE  
MARGARET MEAD E RUTH BENEDICT**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos

Juiz de Fora  
2017

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Nelson Carolino Neto**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201472114A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Cultura e Personalidade: a questão do “inadaptado” a partir de Margaret Mead e Ruth Benedict** desenvolvido durante o período de 22 de junho de 2017 a 20 de novembro de 2017 sob a orientação de Raphael Bispo dos Santos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF), como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 23 de novembro de 2017.

---

**NELSON CAROLINO NETO**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# CULTURA E PERSONALIDADE: A QUESTÃO DO “INADAPTADO” A PARTIR DE MARGARET MEAD E RUTH BENEDICT

Nelson Carolino Neto<sup>1</sup>

## RESUMO

Entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial surge, nos Estados Unidos (EUA), uma das principais escolas de pensamento antropológico: a *Escola de Cultura e Personalidade*, também conhecida como *Culturalismo Norte-Americano*. Na nascente escola, que tinha nos pensamentos de Franz Boas (1858-1942) sua base, despontam as figuras de Margaret Mead (1901-1978) e de Ruth Benedict (1887-1948), como seus expoentes. No presente artigo, analisa-se a questão teórica dos “inadaptados”, termo forjado por essas autoras a partir de dois livros clássicos dessa escola de pensamento e as duas obras de maior expressão de suas respectivas autoras: *Padrões de Cultura* (1934), de Ruth Benedict, e *Sexo e Temperamento* (1935), de Margaret Mead. A partir da análise da questão dos “inadaptados”, busca-se também perceber a relação entre a Antropologia e a Psicologia, sobretudo da Psicanálise, a partir de autoras clássicas. O presente artigo estrutura-se da seguinte forma: na introdução, faz-se uma contextualização do período e da importância da Escola de Cultura e Personalidade; depois segue um breve traçado biográfico das autoras; a seguir, a análise teórica da questão dos “inadaptados” nas respectivas autoras; e, por fim, a conclusão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inadaptado; Cultura; Personalidade; Margaret Mead; Ruth Benedict.

## 1. INTRODUÇÃO

Entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial surge, nos Estados Unidos (EUA), uma das principais escolas de pensamento antropológico: a *Escola de Cultura e Personalidade*, também conhecida como *Culturalismo Norte-Americano*. Quando se lança um olhar para a junção dos termos “cultura” e “personalidade”, começa-se a entender os principais interesses da nascente Escola (CASTRO, 2015). De um lado, tem-se a importância da noção de “cultura” para compreender a vida humana. Cultura aqui - muito embora a questão da cultura sempre esteve presente na Antropologia desde os primeiros anos da disciplina – é entendida a partir do olhar crítico de Franz Boas (1858-1942) sobre o evolucionismo na Antropologia (CASTRO, 2015). A partir da perspectiva boasiana, já não se fala mais em “cultura”, no singular. Fala-se agora de “culturas, no plural. Cultura não é mais sinônimo de civilização, como propunham os evolucionistas com um tom de superioridade. Boas adota, com relação às diferentes culturas, uma perspectiva relativizadora e não mais hierarquizante. A inovação boasiana está em tomar cada cultura em sua totalidade, sem a dissolução dos elementos que a constituem em um trajeto evolutivo (CASTRO, 2015). Do outro lado, tem-se a questão da “personalidade”. Esse interesse na relação entre a cultura e a personalidade por parte da Antropologia demonstra o forte impacto da Psicologia, mas sobretudo da Psicanálise, no mundo daquele tempo, sobretudo a partir das obras de Sigmund Freud (1856-1939) e de Carl Gustav Jung (1875-1961), discípulo dissidente de Freud (CASTRO, 2015). Freud, desde os primórdios da Psicanálise, já havia demonstrado particular interesse nessa questão da relação entre cultura e personalidade. Isso se evidencia nas numerosas obras por ele escritas, tratando desse diálogo, como *Totem e Tabu* (1913), *A Psicologia das Massas e a análise do Eu* (1921) e *O mal-estar na civilização* (1930). Muito embora com suas discordâncias, Boas havia lido as obras Freud (CASTRO, 2015).

Portanto, no centro do debate antropológico desse período estavam indagações sobre a conexão entre cultura e personalidade: como e em que medida tais instâncias sociais dialogavam entre si e em que medida as estruturas da psique e as etapas do desenvolvimento humano podiam ser consideradas universais (CASTRO, 2015)? Movidas por essas indagações, Margaret Mead e Ruth Benedict tornam-se os principais expoentes da Escola de Cultura e Personalidade, junto com Edward Sapir (1901-1978). Ambas foram alunas de Boas e por ele foram profundamente influenciadas.

Diante disso, o mote do presente trabalho é a análise da questão teórica dos indivíduos que Mead e Benedict chamaram, em seus estudos, de “inadaptados”. Essa análise se dá a partir de dois clássicos das duas autoras: *Padrões de Cultura* (1934), de Ruth Benedict, e o pioneiro *Sexo e Temperamento* (1935), de Margaret

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: netto\_conde@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

Mead. A escolha dessas duas obras justifica-se justamente por elas terem sido as duas obras de maior expressão de suas respectivas autoras, pela influência que tais títulos tiveram dentro da Antropologia de sua época (e que, em certa medida, continuam tendo na Antropologia atual), bem como por serem leituras quase que obrigatórias em outras disciplinas e suas influências nestas, muito especialmente na Psicologia. A escolha também se justifica pela similaridade na estrutura de ambos livros. Cada autora fez um estudo comparado de três sociedades: Benedict, os Zunhis do Novo México, os Dobuan da Melanésia e os Kwakiutl de Vancouver; Mead, os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli da Nova Guiné. Ambas identificaram os padrões de temperamento que prevaleciam entre cada um desses povos e refletiram a questão dos inadaptados nas respectivas sociedades e de como eles seriam “perfeitos adaptados” em outras sociedades. Ao mesmo tempo que refletiam sobre as sociedades que estudavam, Mead e Benedict, refletiam e criticavam a sociedade estadunidense de seu tempo (CASTRO, 2015). As referidas obras foram escritas no clímax da Grande Depressão que se abatia sobre os EUA e tiveram bastante repercussão não só no meio acadêmico, mas também no grande público, sendo pioneiras nos temas que abordavam. Mesmo as críticas não impediram esses volumes de serem incluídos nos clássicos da Antropologia (CASTRO, 2015).

Diante disso, este trabalho em um primeiro momento oferece ao leitor um apanhado geral sobre os principais fatos da vida intelectual de Margaret Mead e de Ruth Benedict. Em um segundo momento, busca-se discorrer sobre como cada uma das autoras nas obras em análise desenvolve a questão dos “inadaptados” e, por fim, apresenta uma conclusão. Cabe ressaltar que o recorte analítico que se adota aqui nasce do interesse em se pensar a relação existente entre a Antropologia e a Psicologia (sobretudo com a Psicanálise freudiana). Dessa forma, justifica-se também o fato de se estudar autoras da década de 1930: é preciso pensar essa relação a partir dos clássicos para então, em trabalhos futuros, poder pensa-la na Antropologia da atualidade.

## 2. MARGARET MEAD E RUTH BENEDICT: APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS

Antes de adentrar a abordagem teórica de Margaret Mead e Ruth Benedict sobre os inadaptados, parece oportuno, dada a importância de ambas as autoras e de suas respectivas produções intelectuais para a Antropologia, fazer um breve traçado biográfico sobre elas. Mead e Benedict foram alunas de Franz Boas, antropólogo cujo pensamento impactou profundamente o pensar e o fazer antropológico de sua época, sendo Boas a principal liderança da antropologia estadunidense do período. Celso Castro salienta que, na década de 1930, os ex-alunos de Franz Boas eram chefes dos mais importantes departamentos de Antropologia dos Estados Unidos (CASTRO, 2015). A influência de Franz Boas é tão profunda que seu pensamento tornou-se a maneira estadunidense de se fazer antropologia e não obstante as críticas recebidas, seus pensamentos pairam sobre a produção e o fazer antropológico dos Estados Unidos.

Ruth Fulton Benedict (1887-1948), sob a orientação de Boas, ingressou na Universidade Columbia em 1919 e em 1923 obteve seu doutorado. Benedict e Boas tinham uma relação muito boa, conforme Celso Castro nos diz, e, de forma carinhosa, ela o chamava de “Papa Franz”. Seguindo a tradição boasiana, já que Boas foi sua principal referência intelectual e profissional, ela empreendeu estudos sobre os índios Serranos na Califórnia e também sobre os Zunhis, Cochiti e Pima nas planícies do Sudoeste dos EUA, além de ter visitado outros grupos como acompanhante de seus alunos (CASTRO, 2015). Suas pesquisas resultaram em importantes artigos, todavia sua obra de maior vulto, *Padrões de Cultura* (aquí analisada), só viria a lume em 1934. *Padrões de Cultura* tornou-se uma espécie de clássico da Antropologia, sobretudo para aqueles interessados no pensamento do Culturalismo Norte-Americano, muito embora essa obra tenha extrapolado os limites da Antropologia chegando a um grande público e tendo notável influência em outras disciplinas acadêmicas (CASTRO, 2015). Em 1931, sob a proteção de Franz Boas, Benedict torna-se professora de Antropologia em Columbia, cargo que ela ocupou até seu falecimento em 1948. Quando Boas se aposentou, em 1937, Benedict era sua herdeira natural para chefiar o departamento de Antropologia. Todavia, por considerar “politicamente radicais” os alunos de Boas, o reitor nomeou para o cargo Ralph Linton. Ruth Benedict, um pouco antes de sua morte, foi a primeira mulher a ser nomeada professora titular na Faculty of Political Science (CASTRO, 2015).

Margaret Mead (1901-1978), na época graduanda, conheceu Benedict em 1922, quando esta lecionava como assistente de Boas, em um curso de Antropologia no Bernard College. A relação de Mead e Benedict esteve muito além do ambiente acadêmico. A amizade iniciada em 1922 tornar-se-ia em 1924 um caso de amor. Muito embora suas posturas contundentes sobre o amor livre, a experimentação sexual e a crítica ao ciúme, ambas permaneceram casadas com seus respectivos maridos e mantiveram seu romance em segredo, visto que, pela gama de preconceitos que pairavam na sociedade da época, temiam terem suas carreiras prejudicadas (CASTRO, 2015). Também orientada por Boas, após sua graduação em 1923, Mead passou a

estudar ao lado de seu orientador e de Benedict na Columbia, concluindo seu mestrado em 1924. Aos vinte e três anos e sem nunca ter viajado para o exterior, por sugestão de seu orientador e instigada pelo estudo comparativo da adolescência, Mead partiu para Samoa e ali permaneceu por oito meses estudando a adolescência entre aquele povo. Sua experiência etnográfica resultaria no famoso *A adolescência em Samoa*, publicado em 1928. Por tratar abertamente da questão da sexualidade e pela perspectiva crítica e comparativa apresentada ao tratar da adolescência, esse livro teve grande repercussão nos círculos intelectuais e mesmo na sociedade, de sua época (CASTRO, 2015).

Por indicação de Franz Boas, no ano de 1926, Mead torna-se curadora-assistente no American Museum of Natural History, cargo que ocupou até seu falecimento em 1978. Em 1929, conclui seu doutorado, na Universidade Columbia (CASTRO, 2015). Mead inaugura a presença feminina no trabalho de campo. Apaixonada pelo trabalho etnográfico, ela voltou a campo inúmeras vezes, sobretudo em Nova Guiné. Lá conheceu seu terceiro marido, o também antropólogo, Gregory Bateson (1904-1980), com quem permaneceu casada entre os anos de 1936 e 1950. Com ele, ela teria sua única filha, que nasceu em 1939, Mary Catherine Bateson, que, seguindo os passos dos pais, também tornou-se antropóloga. Entre 1936 e 1939, Mead e seu marido empreenderam um experiência de campo em Bali e juntos produziram umas das obras mais impactantes da antropologia visual: *Balinese Character: A Photographic Analysis*, em 1942 (CASTRO, 2015). Como fruto do seu período em Nova Guiné, Mead publica em 1935 (um ano após a publicação de *Padrões de Cultura*, de Ruth Benedict) um de seus mais importantes trabalhos: *Sexo e Temperamento* (CASTRO, 2015). Essa obra obteve grande repercussão, em grande medida, por ser uma obra pioneira nos estudos de gênero. Mesmo com as críticas recebidas, *Sexo e Temperamento* continua sendo até os dias atuais uma obra de referência e indispensável para aqueles que se interessam nos estudos sobre gênero.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as autoras tornaram-se referências na chamada “antropologia aplicada”. Benedict, na condição de analista das culturas estrangeiras do Office of War Information, produziu análises da Dinamarca, da Tailândia, da Romênia e notadamente do Japão. Essas análises a levaram a publicar, em 1946, *O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*. Tal obra pode ser considerada como o mais perfeito exemplo da chamada “cultura à distância”, um método de análise de caráter nacional (CASTRO, 2015). Com o falecimento de Ruth Benedict, em 1948, Mead seguiu ativa, sendo presença constante na mídia dos EUA, abordando os mais variados assuntos para o grande público. Mead permaneceu ativa até 1978, quando veio a falecer (CASTRO, 2015).

Além do profundo impacto que a produção intelectual de Margaret Mead e Ruth Benedict provocaram na Antropologia, elas também foram muito ativas como intelectuais públicas. Ambas foram presidentas da American Anthropological Association: Benedict, em 1946 e Mead, 1960. Como resultado de suas mortes e pela crescente influência de Lévi-Strauss e da corrente estruturalista por ele representada, a partir da década de 1950, os estudos por elas empreendidos começaram a perder espaço na academia. Todavia, a tradição que elas construíram foi de tal importância que continua sendo parte importante da história da Antropologia (CASTRO, 2015) e, assim sendo, seu estudo é de especial relevância.

Uma vez que a obra de Mead e de Benedict está contextualizada e conhece-se um pouco mais dos fatos mais relevantes da vida acadêmica das autoras, é agora oportuno adentrar na parte teórica deste trabalho. *Como as autoras desenvolvem, nas suas respectivas obras, a questão dos inadaptados?* Essa é a pergunta que norteia as análises que se seguem.

### 3. OS “INADAPTADOS” SOB A ÓTICA DE MARGARET MEAD

Antes de empreender uma análise sobre o desenvolvimento da questão dos inadaptados em *Sexo e Temperamento*, é interessante perceber que toda a produção intelectual de Mead tem muito a oferecer ao cenário da Antropologia da atualidade, uma vez que suas obras mostram e refletem como os indivíduos amadurecem dentro dos seus cenários culturais e como as sociedades se adaptam às mudanças (MEAD, 2015a). Na década de 1930, Mead introduziu na academia americana uma nova forma de ver aquilo que ela chamou de “cruzamento cultural”. Registrou a conduta e as crenças de outras sociedades ao redor do mundo e as comparou com a sociedade estadunidense da sua época, dando novos “insights” para os problemas sociais estadunidenses. Essa perspectiva de cruzamento social está fortemente presente em *Sexo e Temperamento* (MEAD, 2015a). Como o pano de fundo das análises de Mead é a sociedade estadunidense de seu tempo, pode-se dizer que a sociedade estadunidense é a quarta sociedade analisada por Mead em *Sexo e Temperamento*, além dos Arapesh, dos Mundugumor e dos Tchambuli oficialmente analisados na obra.

Quando se lança um olhar analítico sob *Sexo e Temperamento*, percebe-se muito claramente que a questão que norteia e instiga todo o pensamento de Margaret Mead é *a da maleabilidade da natureza humana*. Para ela, a cultura é a principal força que molda a personalidade do indivíduo. Mead deu evidências de que homens e mulheres eram inerentemente iguais, independente dos grupos étnicos e sociais a que pertençam. Dessa forma, é a cultura – não a biologia – que faz dos indivíduos, seres variados. O debate que Mead reaviva na academia não era novo. A questão natureza versus educação já se arrastava no cenário intelectual desde John Locke (1632-1704) (MEAD, 2015a). Nesse ponto, pode-se notar muito claramente a influência de Franz Boas, seu orientador, no seu pensamento. Ele reconhecia o papel que a biologia e a evolução desempenhavam em dados aspectos da natureza humana. No entanto, para ele, o ambiente cultural tinha um impacto profundo e dominante na personalidade e no comportamento do indivíduo. Aqui, conforme foi brevemente comentado no início desse trabalho, pode-se perceber o diálogo que Boas estabelece com a com a psicologia de John Watson e com a Psicanálise (MEAD, 2015). Mead, bebendo do pensamento de seu orientador, reconhecia as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres; no entanto, ela preocupa-se com “(...) os modos pelos quais a cultura constrói a personalidade (...)” (MEAD, 2015a, p.5). A antropóloga biológica Helen Fisher, na introdução de *Sexo e Temperamento* esclarece que o pensamento de Mead, em suma, é de que “(...) a biologia nos predispõe a perceber o mundo e a adotar comportamentos comuns. Experiências culturais moldam essas percepções e predisposições comportamentais, podando e construindo conexões sinópticas no cérebro (...)” (MEAD, 2015a, p.5).

Pode-se dizer que *Sexo e Temperamento* é uma obra cuja centralidade da discussão são os inadaptados. Mead. Em um primeiro momento, procura analisar os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli dentro de um quadro geral de como eles “(...) agruparam suas atitudes sociais em relação ao temperamento em torno dos fatos realmente evidentes das diferenças sexuais (...)” (MEAD, 2015a, p. 22). E a partir da análise dos comportamentos normalizados por suas respectivas culturas, ela passa a analisar os comportamentos desviantes, não tanto preocupada em como essas inaptações surgiram em seus respectivos modelos culturais, mas sua preocupação central é demonstrar que aqueles inadaptados entre os Arapesh estariam plenamente de acordo com os padrões do povo Mundugumor, por exemplo. Vale ressaltar, todavia, que embora Mead não se preocupe com as origens da inaptação, ela aponta que ela seja fruto do “temperamento” ou de acidentes na educação, mas também fruto da biologia. Em seus próprios termos “(...) o desajustado é desajustado por causa de defeitos glandulares ou de acidentes no desenvolvimento (...)” (MEAD, 2015a, p.285). Aqui podemos perceber um ponto de contato muito claro com a Psicanálise freudiana: em algum momento da primeira infância, há uma ruptura no fluxo pedagógico normal, que refletirá profundamente na vida adulta do indivíduo. Acontece então uma espécie de “Complexo de Édipo Cultural”. Só que ao contrário de Freud que vê na análise a forma de tornar o indivíduo plenamente adaptado ao seu meio social, Mead não vê o inadaptado como um indivíduo problemático, por assim dizer, mas é a partir dele que ela vê como cada cultura cria para si, de maneiras distintas, sua tessitura social em que “(...) o espírito humano pode enredar-se com segurança e compreensão, classificando, recompondo e rejeitando fios na tradição histórica que ele compartilha com vários povos vizinhos (...)” (MEAD, 2015a, p.20). Mead chama atenção para o fato que cada “tessitura social” é construída de uma maneira diferente, em que alguns “novelos” são escolhidos e outros rejeitados, uns são aprovados e outros são reprovados e até mesmo punidos socialmente. Tais tessituras sociais, no entender da autora, podem inclinar o indivíduo nascido em seu seio a um determinado tipo de comportamento que ignora sexo, idade, etc. como motivos para elaboração diferencial. Ou essa tessitura social se apodera das diferenças de idade, sexo, força, etc. e os torna temas culturais dominantes (MEAD, 2015a). Em *Padrões de Cultura* Ruth Benedict já tem um conceito muito parecido com esse de Mead, ao falar da cultura como um arco em que cada sociedade faz uma seleção de determinados segmentos desse arco, enfatizando determinados pontos e esquecendo-se de outros (BENEDICT, 2013).

Todavia, como Margaret Mead define os “inadaptados”? É de suma importância ter em mente com clareza a definição de “inadaptado”, já que este é um conceito caro a Mead e muito explícito em *Sexo e Temperamento*, diferente do que ocorre em *Padrões de Cultura*, em que os “inadaptados” são um conceito latente, mas não evidente, no pensamento de Benedict. Segundo Mead é um “inadaptado”,

(...) qualquer indivíduo que, por *disposições inatas* ou *acidente da primeira educação*, ou *mediante influências contraditórias de uma situação cultural heterogênea*, foi culturalmente “cassado”, o indivíduo para quem as ênfases mais importantes de sua sociedade parecem absurdas, irrealis, insustentáveis ou completamente erradas (...) (MEAD, 2015a, p. 277. *Grifo meu*)

Todavia, na atualidade, o conceito de “inadaptado” tem servido de inspiração nos estudos de gênero para referir-se aos indivíduos com condições afetivo-sexuais desviantes da heteronormatividade. Mead, no entanto, faz uma diferenciação entre dois tipos de inadaptados: o inadaptado fisiológico/físico e o inadaptado/desajustado cultural. O inadaptado fisiológico é o indivíduo que algo em sua fisiologia o torna alguém fisiologicamente inadequado. Ou seja, esses indivíduos não sofrem de “(...) qualquer discrepância entre um pendor puramente temperamental e a ênfase social (...)” (MEAD, 2015a, p. 278). O inadaptado cultural, pelo qual Mead se interessa e sobre o qual tece suas considerações, é o indivíduo que está em desacordo com os valores que sua sociedade estabeleceu como padrões. No desajustado cultural existe uma “(...) discrepância fundamental entre sua disposição inata e os padrões da sua sociedade (...)” (MEAD, 2015a, p. 279).

A análise de Mead, ao olhar para os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli, é na verdade a de como os padrões de comportamento dos sexos orientados pelo temperamento, “(...) com as presunções culturais de que certas atitudes temperamentais são ‘naturalmente’ masculinas e outras ‘naturalmente’ femininas (...)” (MEAD, 2015a, p.26). E uma vez que esses padrões temperamentais – as formas como os indivíduos se expressam diante da tessitura social dominante - são entendidos, vem à tona a questão de verdadeiro interesse de Mead: os inadaptados. Ao analisar os três povos, mesmo com a análise de outros aspectos, há uma em comum nos três: a antropóloga tem um interesse especial em ver como se desenvolve a infância e a adolescência dos seus nativos. Aqui então, fica bastante evidente esse diálogo ou, mais ainda, a influência do pensamento psicanalítico sobre o pensamento da Escola de Cultura e Personalidade. Assim como na Psicanálise, o comportamento neurótico na vida adulta tem raízes nas experiências infantis, sobretudo no Complexo de Édipo, o comportamento daquele que é desajustado aos padrões de sua cultura tem as raízes dessa inadaptação em algum momento da primeira infância. Por isso, entender os processos pedagógicos dessas sociedades é tão importante para Mead.

Entre os Arapesh, muito embora haja diferenças claras entre homens e mulheres, as diferentes ações que homens e mulheres fazem, visam um mesmo fim (MEAD, 2015a). Para isso ficar mais claro, pode-se exemplificar, já que entre os Arapesh (assim como nos Mundugumor) os temperamentos esperados de homens e mulheres são os mesmos, que se a mulher Arapesh é excluída das cerimônias religiosas não é por serem inferiores aos homens, mas por elas mesmas, pois os homens empreendem todos os seus esforços em guardar para si segredos ritualísticos que fariam suas esposas adoecerem e fariam os filhos que elas carregam no ventre nascerem com deformações. Olhando para educação Arapesh fica muito nítido que meninos e meninas recebem a mesma educação. Todos e todas são educados desde a mais tenra infância para serem pacíficos, cuidadosos uns com os outros, sensíveis. Em outras palavras, a educação Arapesh é voltada para fora do “eu”. Algo bastante interessante que a antropóloga salienta é que a educação da criança Arapesh não é função exclusiva da mãe, mas é função de ambos os pais. Desde a descoberta da gestação, o papel do homem é muito importante. Entre os Arapesh, um homem que abandona a mulher grávida faz um papel repulsivo. Entre os Arapsh, essa paternidade em que após o contato sexual o homem passa nove meses fora e retorna quando a criança nasce é considerada impossível e repulsiva. Segundo a autora “(...) a criança não é produto de um momento de paixão, *mas é moldada pelo pai e pela mãe, cuidadosamente, com o passar do tempo (...)*” (MEAD, 2015a, p. 55. *Grifo meu*). O pai e a mãe Arapesh tem papel decisivo no desenvolvimento da personalidade da criança. Após o nascimento do bebê, o cuidado com o novo integrante da família é compartilhado entre o homem e a mulher (MEAD, 2015a).

Como se forma a personalidade do bebê Arapesh para que se torne um adulto tranquilo, delicado e receptivo? Em sociedades como os Arapesh, simples e homogêneas, na idade adulta as crianças terão, de um modo geral, os mesmos traços de personalidade que seus pais tiveram (MEAD, 2015a). No entanto, a questão aqui é bem mais complexa do que parece, já que não se trata de uma simples imitação dos comportamentos e das personalidades dos seus antepassados. Existe uma forte relação entre o desenvolvimento da personalidade e a forma como “(...) a criança é alimentada, posta a dormir, disciplinada, ensinada a ter autocontrole, acariciada, punida e encorajada, e o ajustamento adulto final (...)” (MEAD, 2015a, pp. 63-64). Esse importante papel do tratamento que os pais dão aos seus filhos e o desenvolvimento da sua personalidade, mais ou menos ajustada aos padrões culturais, deixa bastante explícito em *Sexo e Temperamento*, a influência do pensamento nascente do psicólogo Jean Piaget (1896-1980), que argumentou que a aprendizagem está intimamente ligada as formas de educação recebidas dos pais e da sociedade, ou seja, a uma aquisição de esquemas ou estruturas de ação que são frutos da experiência com o meio físico e social (DONGO-MONTOYA, 2009).

Essa personalidade cordial e maternal de homens e mulheres entre os Arapesh, como já se enfatizou, é fomentada na infância. Mead exemplifica isso chamando atenção pelo forte desejo e interesse de meninos e meninas pelos bebês, sempre querendo estar com eles no colo, cuidando deles. Aqui mais uma vez fica muito

evidente que somente pode ser entendida a personalidade “cordial e maternal” dos homens e das mulheres Arapesh se for lançado um olhar para as experiências da infância e para as experiências que os pais impõem a seus filhos (MEAD, 2015a).

A educação Arapesh enfatiza para a criança que o mundo é um lugar tranquilo e seguro, onde ela pode transitar livremente e em total segurança. Não se exige que a criança “cresça depressa”. A criança Arapsh cresce com um senso de segurança emocional baseado no cuidado do outro e não no autocuidado. Sua educação a faz ver em todos de sua aldeia parentes que a amam e cuidam dela. Ligado a isso está o fato de que entre os Arapesh as crianças não são treinadas para suportar asperezas (levar as coisas “na esportiva”), muito associada ao temperamento masculino de nossa sociedade. Ao contrário, o garoto Arapesh é protegido da agressão e dos embates de rudes medidas disciplinares vindas das crianças mais velhas e dos pais irritados. Como resultado disso, o menino Arapesh não desenvolve o “espírito esportivo” e são extremamente melindrosos, uma palavra mais áspera o magoa, um deboche é encarado como sinal de inimizade e, diante de uma acusação injusta, o homem Arapesh chora sem pudores (MEAD, 2015a).

Tendo essa visão geral e mais ou menos abrangente da educação dos meninos e meninas Arapesh é que se começa a tocar na questão dos inadaptados na obra de Mead. Entre os Arapesh o homem e a mulher violentos são os que mais sofrem no esquema social dessa sociedade. A falta de distinção entre os temperamentos masculinos e femininos, presente entre o povo Arapesh, faz com que um mesmo comportamento (o violento) seja causa de censura e reprovação em ambos os gêneros. Porém, as circunstâncias fazem com que as meninas sofram mais que os meninos se adotam uma postura rebelde, já que os meninos, na concepção Arapesh, amadurecem, por assim dizer, mais lentamente que as meninas. Pode-se notar isso no fato de que enquanto um menino permanece em casa onde todos já se habituaram com seus ataques de raiva e mau humor, a menina em tenra idade é conduzida a um novo lar, com o clã do marido, em que suas debilidades emocionais estarão mais evidentes aos olhos de todos (MEAD, 2015a).

No entanto, essa inadaptação de alguns homens Arapesh ao padrão de temperamento de seu povo parece ser em certa medida um “mal necessário”. Como eles são um povo pacífico, em que há ausência de conflitos, líderes são necessários somente para executarem certas cerimônias. No entanto, as características pedidas de um líder são vistas como difíceis e incompatíveis com o que é esperado do homem Arapesh, sendo que qualquer homem o evitaria. Assim sendo, o papel de liderança “(...) é um papel que a sociedade impõe a alguns homens, em certas formas reconhecidas” (MEAD, 2015a, p.51). É na adolescência que os pais buscam “classificar” a tendência de seus filhos em serem líderes. O menino Arapesh, diferente da menina, é livre para desenvolver uma personalidade tempestuosa logo nos anos iniciais de sua adolescência e, mesmo assim, há uma ampla possibilidade dele não ser alvo de reprovação social “(...)por causa da fantástica crença Arapesh de que a liderança e a agressividade são tão raras que precisam ser *encorajadas, cultivadas* e finalmente *superestimuladas na vida adulta (...)*” (MEAD, 2015a, p. 151. *Grifo meu*). Um rapaz ambicioso e arrogante logo será identificado como alguém com vontade de ser líder. Suficiente timidez e acanhamento misturados com agressividade poderá na idade adulta resultar a um menino Arapesh “(...) o carimbo da aprovação social sobre si e ser escolhido pela comunidade como um daqueles cujo dever é tornar-se um grande homem (...)” (MEAD, 2015a, p. 151).

Os Mundugumor, por sua vez, são exatamente o extremo oposto dos Arapesh em seu padrão de temperamento. Desprezando as diferenças biológicas entre homens e mulheres, na sociedade Mundugumor homens e mulheres possuem um temperamento marcadamente ativo, viril e sem qualquer característica mais delicada, algo que comumente associamos em nossa sociedade a um padrão feminino de temperamento (MEAD, 2015a). Sua organização social pressupõe uma forte hostilidade entre todos os indivíduos do mesmo sexo. Dessa forma, qualquer possível laço que possa se estabelecer entre indivíduos do mesmo sexo inevitavelmente passam pelos indivíduos do sexo oposto. É neste ambiente belicoso e hostil, em que os indivíduos do mesmo sexo lhe serão inimigos, que nasce o menino Mundugumor, em que seu êxito na vida social está intimamente ligado à sua capacidade de ser violento (MEAD, 2015a). Muito embora homens e mulheres não diferem em nada no teu temperamento. Mead diz que

(...) o caráter Mundugumor ideal é idêntico para ambos os sexos; como se espera que homens e mulheres sejam violentos, competitivos, agressivamente sexuais, ciumentos e prontos a ver e vingar insultos, deliciando-se na ostentação, na ação e na luta (...) (MEAD, 2015a, p. 219).

Isso fica bem evidente com as mulheres que quebram as regras sociais relativas à virgindade. Na sociedade Mundugumor há uma grande ênfase na virgindade feminina, mas Mead observou um grupo de meninas “vigorosas e positivamente sexuais” planejando suas aventuras sexuais, ignorando a vigilância que



paira sobre elas. Entre os Mundugumor a mulher não é vista como um ser frágil, que dependa da defesa masculina (MEAD, 2015). Seu tempo de vivência entre os Mundugumor levou Mead a concluir exatamente o mesmo que conclui no período que esteve entre os Arapesh: homens e mulheres foram moldados para o mesmo padrão temperamental. Desde muito cedo, através da experiência em grupo, a criança Mundugumor adquire um forte grau de independência, aprendendo desde cedo a rejeitar as interferências. Ser inadaptado entre os Mundugumor é ser um homem ou uma mulher dependente, gentil, não afeito a violência.

O ideal Tchambuli de homem e mulher, por sua vez, tem um nítido contraste com o ideal Arapesh e Mundugumor: Arapesh e Mundugumor: homens e mulheres possuem a mesma personalidade social, já entre os Tchambuli as personalidades sociais se opõem e se completam de forma ideal (MEAD, 2015a).

Sobretudo olhando para o comportamento padrão Tchambuli, percebe-se que quando se pressupõe uma inversão dos comportamentos esperados de homens e mulheres - por exemplo, o homem é forte e a mulher é fraca ou vice-versa-, desconsidera-se outras possibilidades de arranjos e o fato das culturas usufruírem de uma liberdade bem maior do que os aspectos comportamentais ou biológicos que são minimizados, superacentuado ou simplesmente esquecidos, é totalmente ignorado. A institucionalização cultural dos papéis de gênero não foi necessariamente estabelecida a partir das personalidades inadaptadas de ambos os sexos e nem mesmo em termos de dominação/submissão (MEAD, 2015). Os diferentes traços de personalidade tornariam a sociedade um grande mosaico. Conforme salienta Mead,

Alternativamente, uma cultura pode obter suas chaves, não de um temperamento, porém de vários. Mas, em vez de misturar numa mixórdia inconsistente as escolhas e ênfases de diferentes temperamentos, ou combiná-las num todo polido mas não particularmente diferenciado, pode isolar cada tipo, convertendo-o na base da personalidade social aprovada para um grupo de idade, de sexo, de casta ou de ocupação. Dessa forma, a sociedade torna-se não um tom uniforme com algumas manchas discrepantes de uma cor intrusa, porém um mosaico, com grupos diferentes apresentando diferentes traços de personalidade. Especializações como estas podem fundamentar-se em qualquer faceta dos dotes humanos – diferentes habilidades intelectuais, diferentes capacidades artísticas, traços emocionais diversos (...). (MEAD, 2015a, p. 272).

Ainda sobre os processos educacionais das crianças, deve-se notar que toda criança será educada no que Margaret Mead chama de “personalidade do sexo”: o menino será educado para suprimir seu medo e a menina educada a demonstrá-lo, por exemplo. No entanto, caso não haja uma seleção natural no que diz respeito a esses traços do temperamento, o comportamento altivo, em que qualquer demonstração de medo é reprovada, se manifestará em ambos os sexos. Sem que a demonstração do medo seja proibida, meninos e meninas a demonstrarão indistintamente (MEAD, 2015a).

Deixando as questões educacionais - que pareceu importante discorrer sobre elas uma vez que conforme o pensamento de Mead são, em alguns casos, falhas educacionais na primeira infância que conduzem o indivíduo a ser um inadaptado cultural – e adentrando de fato na questão dos inadaptados, os desajustados entre os Arapesh e os Mundugumor, uma vez que como entre essas duas tribos não existem diferenças entre os sexos, os indivíduos apresentam padrões temperamentais que estão em claro desajuste com o padrão temperamental sancionado culturalmente em sua sociedade, mesmo havendo um prejuízo do funcionamento social desses dois grupos, reduzindo assim os usos que seus dotes poderiam ter, o que não ocasiona nenhum prejuízo ao seu funcionamento psico-social (MEAD, 2015a). Em outras palavras, a inadaptação de um indivíduo ao padrão temperamental próprio do seu sexo em sua sociedade não fazia com que ele fosse identificado como pertencente ao sexo oposto ou levantava suspeitas sobre sua masculinidade. Mead exemplifica isso com o caso de Ombléan, um mundugumor demasiado carinhoso com as crianças e que trabalhava satisfeito para cuidar dos muitos de seus muitos dependentes não o fazia ser tido como um indivíduo feminino, nem o fazia ser considerado homossexual, até porque entre os Arapesh e os Mundugumor não havia esse conceito de homossexualidade (MEAD, 2015a). Dessa forma a conclusão que se chega é de que “(...) não havendo qualquer contraste entre os sexos e nem qualquer tradição de travestismo, uma variação na preferência temperamental não resulta nem em homossexualismo, nem em travestismo (...)” (MEAD, 2015a, p. 281).

Outro ponto bastante relevante no trato de Mead na questão dos inadaptados é de que segundo ela quando uma sociedade especializa seus tipos de personalidade pelo sexo, insistindo que qualquer traço comportamental está ligado ao sexo, ela conduz seus indivíduos aquilo que ela chamou de um “desajustamento da pior ordem”. Nas sociedades em que alguns traços de temperamento são definidos como masculinos e outros como femininos, além do conflito de fazer parte de uma sociedade cujas metas culturais o indivíduo não pode fazer suas, o indivíduo se vê imerso em uma angústia complementar, a de ser perturbado em sua vida

psicosssexual. Os sentimentos do inadaptado de uma sociedade com traços temperamentais definidos para homens e mulheres não são simplesmente errados, mas são do sexo oposto. Nessas sociedades, o temperamento de um homem está em concordância muito próxima com a (...) personalidade feminina aprovada, e se existe uma forma social atrás da qual possa abrigar-se, um homem pode voltar-se para a inversão declarada e para o travestismo (...)” (MEAD, 2015a, p. 280). A questão do inadaptado pode ser resumida ao fato de que,

(...) certos traços humanos foram socialmente especificados como atitudes e comportamento próprios de um único sexo, enquanto outros traços humanos o foram para o sexo oposto. Esta especificação social é, então, racionalizada numa teoria de que o comportamento socialmente decretado é natural a um sexo e inatural ao outro, e de que o desajustado é desajustado por causa de defeitos glandulares ou de acidentes no desenvolvimento (...) (MEAD, 2015a, p. 285).

Dentro do todo abordado aqui neste trabalho, a questão do inadaptado cultural pode ser concluída com a constatação de que o inadaptado de uma sociedade será plenamente adaptado em outra sociedade. O homem violento ou a mulher violenta da sociedade Arapesh seriam perfeitamente adaptados aos padrões culturais da sociedade Mundugumor. E o homem que aprecia crianças e a mulher dependente, completos inadaptados entre os Mundugumor, encontrar-se-iam em perfeito adequamento na sociedade Arapesh. Quando se toma consciência desse ponto, vemos que a indagação sobre a maleabilidade da natureza humana, que é o ponto de partida da pesquisa que dá luz a *Sexo e Temperamento*, é realmente real. Mesmo com as diferenças dadas pela natureza, a cultura molda incrivelmente a forma como estes corpos vão transitar, comportar-se e identificar-se em sua sociedade. Os inadaptados são frutos das diferenças de condicionamento que recebem, sobretudo nos primeiros anos da infância, sendo que este condicionamento é a cultura que o determina. Dessa forma, as diferenças de comportamento e de personalidade entre homens e mulheres são criações culturais, em que cada geração é treinada a conformar-se (MEAD, 2015a).

#### 4. OS “INADAPTADOS” SOB A ÓTICA DE RUTH BENEDICT

A abordagem sobre a questão dos inadaptados em Ruth Benedict, a partir de sua obra *Padrões de Cultura*, é bem mais complexa do que abordar esse ponto a partir de Margaret Mead. Isso pelo fato de que, em *Sexo e Temperamento*, a questão da inadaptação à cultura é algo muito caro a Mead e, desde as primeiras páginas da referida obra, ela toca indiretamente nessa questão até que se torne bem explícita. Já em *Padrões de Cultura*, Ruth Benedict não está preocupada em abordar a questão dos inadaptados de maneira direta. Mead norteia suas reflexões em *Sexo e Temperamento* a partir da questão da maleabilidade da natureza humana; Benedict, por sua vez, usa como mote de *Padrões de Cultura* a questão da *problemática do papel do costume e sua incidência sobre a história/personalidade do indivíduo*. Para ela, (...) enquanto não entendermos suas leis e variações [do costume] os principais fatos que complicam a vida humana continuarão ininteligíveis” (BENEDICT, 2013). Em outras palavras, conforme já se salientou aqui, na obra de Mead, a questão dos inadaptados é algo muito presente e explícito, enquanto que na obra de Benedict é um tema latente.

Ruth Benedict busca ressaltar que todas as culturas são caracterizadas por um atributo dominante e, assim sendo, quando mais se conhece os impulsos culturais que norteiam os comportamentos dos indivíduos, com mais nitidez é possível vermos a prevalência de determinados controles das emoções e de certos ideais de comportamento que determinam a normalidade ou a anormalidade de certas atitudes naquela cultura (BENEDICT, 2013). Ela vai um pouco mais longe, ao afirmar que nenhum indivíduo vai olhar para o mundo que o cerca com “olhos puros”, mas ele vê o mundo de forma modificada por um conjunto determinado de costumes, instituições e formas de pensar. Mesmo no seu fazer filosófico o ser humano está atado aos estereótipos. O que o indivíduo entende como verdadeiro ou falso, certo ou errado, sempre tem como referência seus costumes tradicionais (BENEDICT, 2013).

Benedict salienta o fato da preocupação dos indivíduos com a singularidade das suas instituições e realizações, da sua “civilização”. Por circunstâncias históricas (muito especialmente do período da expansão ultramarina europeia iniciada nos séculos XIV-XV até o imperialismo que vigorou até meados do século XX) a civilização ocidental, conforme Benedict, (...) alastrou-se mais do que qualquer outro grupo local de que se tenha conhecimento até agora (...)” (BENEDICT, 2013, p.15). Dessa forma, ela acabou por padronizar-se na maior parte do mundo e conforme conclui a autora fez com que aceitássemos a ideia de que existe um comportamento humano uniforme (BENEDICT, 2013). Em outras condições históricas tal ideia de uniformidade comportamental não teria surgido. Benedict dá um passo além, chamando atenção para o fato dos povos

“primitivos” terem uma percepção melhor do papel desempenhado pelas feições culturais, justamente pela experiência de proximidade com diferentes culturas que eles tiveram. A dominação do homem branco sobre outros povos obrigou-os a abandonarem uma cultura e aceitarem outra; esses povos dominados estão perfeitamente cientes de que outros arranjos de vida humana são totalmente possíveis e existentes (BENEDICT, 2013). O homem branco, por sua vez, tem tido uma experiência diferente das dos povos “primitivos”: ele pouco sabe, conhece modos de vida diferentes do seu. Para Ruth Benedict,

(...) a uniformidade de costumes, de pontos de vista que ele vê a se disseminar à sua volta parece suficientemente convincente e o impede de dar-se conta de que, afinal, ela é um acidente histórico. Ele aceita sem mais cerimônia a equivalência entre a natureza humana e seus próprios padrões culturais (BENEDICT, 2013, p.16).

Essa oportuna observação que Benedict faz comparando a consciência que os povos colonizados tem da possibilidade de outros arranjos culturais e a inconsciência que os povos colonizadores possuem acerca disso, crendo serem a sua cultura algo uniforme e superior – ou seja, a postura etnocêntrica dos colonizadores -, leva a uma reflexão sobre o papel da Antropologia que se encontra dentro de toda a obra de Margaret Mead, mas que também pode ser encontrada na obra de Benedict: a antropologia não é somente uma pintura do exótico, mas é fonte de autoconhecimento da civilização ocidental (MEAD, 2015a).

Um ponto importante do pensamento de Benedict é que de fato o que une os seres humanos é a cultura e não a biologia. As faculdades humanas formam-se e configuram-se a partir da cultura, da associação com os semelhantes. A participação integral do indivíduo na cultura só se dá se ele tiver sido criado e tiver vivido de acordo com as práticas de sua cultura, muito embora é possível (e necessário) que o indivíduo reconheça que outras culturas possuam para os seus participantes a mesma importância que ele atribui a sua cultura (BENEDICT, 2013). Ela ressalta que desde os primeiros representantes da espécie humana, seres humanos de uma determinada cultura conseguiram adotar (ou adaptar-se) a cultura de outro povo (BENEDICT, 2013). A partir disso ela conclui que

(...) Todas as muitas diversas soluções sociais formuladas pelo homem em diferentes culturas – por exemplo, para o acasalamento ou o comércio – são igualmente possíveis com base na capacidade original do ser humano. *A cultura não é um conjunto que se transmite biologicamente.* (BENEDICT, 2013, p. 21. *Grifo meu*).

A conclusão fundamental, que fornece uma chave hermenêutica indispensável para se compreender a questão dos inadaptados a partir Ruth Benedict - conclusão essa que ela herdou de seu orientador intelectual Franz Boas -, é de que o que define o ser humano e seus comportamentos (e a legitimidade ou clandestinidade desses comportamentos) é a *cultura* e não a biologia. A biologia fornece o corpo (dado empírico), mas é a cultura que determinará o papel desse corpo no meio social e como os papéis que esse corpo irá adotar serão considerados pela sua cultura.

Se para Mead o estudo de sociedades “primitivas” justifica-se pela simplicidade da estrutura social que estas apresentam, para Benedict estudar tais sociedades justifica-se porque elas fornecem aportes para estudar-se as formas e os processos culturais, possibilitando fazer uma clara distinção entre as respostas que são específicas de tipos culturais locais e aquelas outras que são comuns a espécie humana. E, além disso, o estudo de tais sociedades ajuda na avaliação e compreensão do importante papel que o comportamento condicionado pela cultura desempenha (BENEDICT, 2013).

Benedict chama atenção que na vida cultural existe a necessidade de uma seleção. Ela coloca a cultura como um grande arco em que os possíveis interesses da era humana, do ambiente ou das diversas atividades desenvolvidas pelos agrupamentos humanos são dispostos. E nessa disposição cada cultura faz a sua seleção, em que desconsideram pontos fundamentais e exploram pontos irrelevantes. Benedict encara esse processo de seleção de determinados pontos do arco cultural tão importante que para ela a identidade de uma cultura depende dessa seleção (BENEDICT, 2013). É justamente a partir dessa seleção que o padrão cultural é estabelecido. Segundo ela,

(...) *O grande arco em que se distribuem todos os possíveis comportamentos humanos é imenso demais e demasiadamente repleto de contradições para qualquer cultura ser capaz de utilizar uma mínima parte considerável dele. A seleção é o primeiro requisito. Sem seleção, nenhuma cultura poderia alcançar sequer a inteligibilidade, e as intenções que ela seleciona como próprias são uma questão muito mais importante que os detalhes particulares de tecnologia ou as formalidades nupciais que ela também escolhe do mesmo modo.* (BENEDICT, 2013, p.161. *Grifo meu*).

Conforme já se demonstrou nesse trabalho, Margaret Mead, em *Sexo e Temperamento*, retoma esse conceito da seleção cultural que Benedict havia inserido na Antropologia com a publicação de *Padrões de Cultura*, em 1934. Mead fala que a cultura constrói para o indivíduo distintas *tessituras sociais*, que permitem ao indivíduo enredar-se de forma segura (MEAD, 2015a). Essa tessitura desenvolvida pela cultura é construída de uma forma diferente, em que alguns *novelos* são aprovados, outros reprovados e alguns outros punidos culturalmente (MEAD, 2015a). Embora Mead chame atenção em sua obra para esse conceito de seleção que Ruth Benedict havia formulado, é Benedict quem o melhor desenvolveu. Mead o retoma de forma bastante sucinta como forma de compreender o motivo de certos comportamentos serem aprovados pela cultura e outros serem tidos como comportamentos “inadaptados”. É importante destacar que é a ênfase (ou o esquecimento) dada a um determinado segmento do “arco cultural” que determinam a norma de variação entre o extremo positivo e o extremo negativo dos aspectos comportamentais dos indivíduos. Dessa forma, um mesmo traço cultural terá uma índole totalmente diferente em lugares distintos, dependendo dos segmentos do “arco cultural” que aquela sociedade acolheu ou rejeitou (BENEDICT, 2013).

Todavia, a análise do comportamento cultural dos povos não se limita, ou não se esgota, com a compreensão de que o comportamento cultural é “(...) local, artificial e imensamente variável. Ele tende também a ser integrado (...)” (BENEDICT, 2013, p. 42). A cultura é um padrão de pensamento e ação mais ou menos coerente, sendo que em cada uma surgem metas próprias que não serão necessariamente compartilhadas por outras culturas. Dessa forma, obedecendo tais metas, a experiência cultural de cada sociedade vai consolidando-se na experiência, fazendo com que os aspectos comportamentais heterogêneos se tornem congruentes. A compreensão, a forma que os atos culturais assumem a partir dessas metas, é primeiramente necessária à compreensão das principais motivações dessa sociedade no âmbito emocional e intelectual. Logo, Ruth Benedict chega à conclusão de que o interesse do antropólogo reside no processo cultural (BENEDICT, 2013).

É com essa gama de conceitos em mente que Ruth Benedict irá fazer a sua análise dos Zunhis do Novo México, dos Dobuan da Melanésia e dos Kwakiutl de Vancouver. A investigação de Benedict em nenhum momento se preocupará com os inadaptados. Ao falar desses três povos seu interesse central é fazer uma espécie de mapeamento dos padrões culturais por eles assumidos. Todavia, o que Ruth Benedict entende por “padrões culturais”? Esse conceito iniciado por seu orientador intelectual e por ela aprofundado diz respeito ao conjunto das atividades de um grupo e ao ajustamento aos diversos traços de uma sociedade. Os padrões de cultura são, na verdade, a configuração exterior que uma cultura faz, a partir da tradução do conjunto dos valores que lhes são caros.

O papel da cultura na personalidade dos indivíduos e a forma como a cultura incide na personalidade (e em toda a história pessoal) desses indivíduos é sua preocupação. Pelo foco desse trabalho ser a questão dos inadaptados para as autoras aqui abordadas e como a descrição dos costumes dos povos que ela estudou não explicita a questão dos indivíduos desajustados em sua cultura – diferente do que ocorre em *Sexo e Temperamento*, faz-se aqui uma opção didática de não entrar nas análises de Benedict sobre os Zunhis, os Dobuan e os Kwakiutl e sim a partir de tudo aquilo que ela pensa sobre a cultura desenvolver seu pensamento sobre o indivíduo e os padrões de cultura, que é o ponto de real interesse desse artigo.

Quando Ruth Benedict lança seu olhar sobre as relações que os indivíduos estabelecem com os padrões culturais, a questão dos inadaptados deixa de ser algo latente em *Padrões de Cultura* e torna-se algo mais ou menos evidente. Isso se deve ao fato de que, mesmo Benedict não tendo feito trabalho de campo para abordar os Zunhis, os Dobuan e os Kwakiutl, como fizera Margaret Mead em *Sexo e Temperamento* para abordar os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli, seu pouquíssimo contato de campo com Zunhis e os extensos e detalhados detalhes dos etnólogos sobre os Dobuan e os Kwakiutl a colocaram de frente com os indivíduos cujos comportamentos estavam em claro desacordo com o padrão cultural. De frente com essa questão é que ela arrematará todo o pensamento que desenvolveu em *Padrões de Cultura*.

Muito embora toda a sua discussão na obra em estudo gire em torno o comportamento coletivo, ela vai frisar que o comportamento coletivo é o dos indivíduos. O comportamento do indivíduo é esse mundo todo regulado pelos padrões culturais se apresentando individualmente para cada um, esse mundo definido pelos padrões de cultura é o mundo com o qual e no qual o indivíduo construirá sua vida (BENEDICT, 2013). Assim, ela justifica que sua opção por uma abordagem do coletivo é justamente para realçar as normas culturais do grupo e expor o comportamento do indivíduo, já que é no comportamento individual que as motivações culturais são exemplificadas (BENEDICT, 2013).

Essa análise do comportamento coletivo para se chegar ao comportamento do indivíduo conduz ao erro quando se pensa que o indivíduo é dominado pelo coletivo. Ruth Benedict advoga que indivíduo e sociedade não são extremos opostos (BENEDICT, 2013). Segundo ela,

(...) A cultura fornece a matéria-prima com a qual o indivíduo faz a sua vida. Se ela é escassa, o indivíduo fica em desvantagem; se ela é rica, o indivíduo tem a possibilidade de se mostrar à altura de sua oportunidade. Todos os interesses particulares dos homens e das mulheres beneficiam-se do enriquecimento da bagagem tradicional da sua civilização (...) (BENEDICT, 2013, p. 171).

Benedict entende que, apesar dos interesses próprios, destoantes ou não, cada indivíduo pode possuir a bagagem cultural da civilização a que pertencem, estes se beneficiam do enriquecimento dessa bagagem. Ou seja, a inadaptação, muito embora todos os embaraços que ela possa trazer ao indivíduo e a sua sociedade, enriquece a bagagem cultural tradicional da civilização. Porque se nenhum indivíduo pode alcançar a plenitude de suas potencialidades sem fazer parte de uma cultura, como já se comentou, em nenhuma sociedade há algum elemento cultural que não seja uma contribuição do indivíduo. A conclusão de Benedict é de que *não existe nenhum antagonismo entre o indivíduo e a sociedade. Mas a sociedade é “entidade inseparável” dos indivíduos que a formam* (BENEDICT, 2013).

A relação que o indivíduo e a sociedade possuem é em si tão intrínseca que não se pode empreender uma análise dos padrões de cultura, como Benedict faz em *Padrões de Cultura* e Mead faz em *Sexo e Temperamento*, sem levar em consideração a relação dos padrões culturais com a psicologia individual. Os problemas dos indivíduos não são devidamente esclarecidos se o antagonismo indivíduo versus sociedade é posto em evidência, mas ele é sim esclarecido quando se compreende seu “reforço recíproco” (BENEDICT, 2013). Esse debate que Ruth Benedict faz em *Padrões de Cultura* não é algo novo e deixa muito evidente como as ideias de Sigmund Freud influenciaram o pensamento da Escola de Cultura e Personalidade. Em 1921, quando Freud publica *Psicologia das massas e análise do Eu*, ele já aponta para a não existência do antagonismo entre o indivíduo e a sociedade, mas sim da relação de dependência que o indivíduo tem com a sociedade e vice e versa. Na referida obra, Freud parte do comportamento dos grupos, entendendo que as relações que modelam o indivíduo desde seus primeiros anos de vida são também fenômenos sociais. Segundo o “pai da Psicanálise”,

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinamos mais detidamente. É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado (...) (FREUD, 2011, p. 14).

Ruth Benedict está retomando o debate que Freud acendeu no início da década de 1920. Isso evidencia que não somente Freud tinha um grande interesse pelo que os antropólogos estavam escrevendo para demonstrar a legitimidade das teorias psicanalíticas – como ficou evidente em *Totem e Tabu* (1913) - mas os antropólogos, sobretudo os de tradição boasiana que dão origem a Escola de Cultura e Personalidade, estão interessados nas teorias freudianas como uma forma de explicarem, mais do que legitimarem seus pensamentos e teorias, o que Benedict chamou de “plasticidade” da personalidade.

Benedict, por sua vez, entende que uma compreensão plena dos comportamentos dos indivíduos não se resume a simplesmente fazer um traçado sobre a relação da sua história pessoal e suas aptidões e a partir deste traçado avaliar as aptidões individuais de acordo com o que ela chamou de “normalidade arbitrariamente escolhida”. É preciso relacionar as respostas que estes indivíduos dão a cultura com o comportamento legitimado pelas instituições culturais (BENEDICT, 2013). A partir disso, o que Ruth Benedict conclui é que os indivíduos são seres plásticos a “força moldadora” da cultura que nasceram e se criaram. A bagagem intelectual original que estes indivíduos trazem consigo é extremamente maleável. É a esta plasticidade da personalidade diante a ação da cultura, que a grande maioria dos indivíduos que nasce no seio de determinada sociedade adota os comportamentos que essa sociedade prescreve, independente das idiosincrasias que as instituições da cultura apresentem. Logo, estes indivíduos plenamente de acordo com as prescrições culturais são os mais favorecidos (BENEDICT, 2013).

Mas, Benedict chega a um ponto crucial ao analisar os Zunhis, os Dobuan e os Kwakiutl: nessas três sociedades possuem seus “indivíduos anormais”, seus inadaptados. Ela definirá os inadaptados como “(...) aqueles que não contam com o apoio das instituições de sua civilização. São as exceções que não adotaram facilmente as formas tradicionais de sua cultura (...)” (BENEDICT, 2013, p. 175). Os inadaptados não são um problema para suas sociedades – não são psicopatas, nos dizeres de Ruth Benedict -, eles simplesmente exemplificam o “(...) dilema das pessoas que têm propensões inatas não previstas nas instituições da sua cultura (...)” (BENEDICT, 2013, p. 177-178).

Cabe, todavia, fazer uma distinção crucial entre o pensamento de Margaret Mead e o de Ruth Benedict acerca dos inadaptados. Mead, conforme já se comentou, divide os inadaptados em dois grupos: o inadaptado fisiológico/físico que possui alguma inadaptação na sua fisiologia, e o inadaptado cultural, aquele que se encontra em desacordo com os comportamentos prescritos por sua cultura. É nesse último que recai seu interesse central. Ruth Benedict por sua vez, não faz em nenhum momento essa distinção. Para ela, independentemente se a inadaptação se apresenta na fisiologia ou no comportamento, ambos são inadaptados e estão sujeitos as mesmas sanções culturais. Mas Benedict interessa-se, sobretudo, por aquilo que Mead chamou de “inadaptado fisiológico”. Cabe ressaltar que esta opção de Benedict, de não fazer uma divisão entre “inadaptados fisiológicos” e “inadaptados culturais”, é fruto de seus estudos em que ela percebeu a presença entre os Zunhis dos *berdaches*: indivíduos do sexo masculino que quer por serem “homossexuais” ou que quer tenham algum traço comportamental que não esteja de acordo com as normas de masculinidade dos povos Zunhis, ou por uma associação desses dois motivos, adotaram o uso de trajes e de performances femininos. Muito embora a sua inadaptação à resposta dos *berdaches* é socialmente reconhecida. Como Benedict frisa, “(...)Se tiverem capacidade inata, eles podem dar-lhe campo de ação; se forem pessoas fracas, eles falham em razão de sua fraqueza de caráter, não de seu homossexualismo (...)” (BENEDICT, 2013, p. 179).

Se entre os Arapesh e os Mundugumor não existe o conceito de homossexualidade e por isso Mead não se debruça sobre essa questão em *Sexo e Temperamento*, a instituição dos *berdaches* e dos homens que estabelecem relações afetivas com eles faz com que Benedict reflita sobre a questão a homossexualidade dentro do espectro cultural estadunidense. A “resposta homossexual” que se entendida como uma perversão – no sentido freudiano – expõe o “inadaptado fisiológico” à mesma gama de conflitos que estão sujeitos os “inadaptados culturais” (BENEDICT, 2013). A culpabilidade, o senso de inadaptação e os fracassos experienciados por indivíduos homossexuais são consequências diretas de todo o desprezo e má reputação que a cultura atribuiu à homossexualidade. E poucos são os indivíduos, que sem o respaldo da cultura, conseguem levar uma vida satisfatória (BENEDICT, 2013).

Embora Benedict comungue da conclusão de Mead de que os inadaptados de uma cultura seriam plenamente adaptados em outra, ela arremata suas conclusões sobre tais indivíduos de uma forma diferente de Mead. A cultura pode valorizar e legitimar socialmente traços da personalidade/comportamento dos inadaptados (BENEDICT, 2013). E se a cultura faz opção por tratar as particularidades do comportamento inadaptado como “variantes mais valiosas do comportamento humano”, os inadaptados estarão “(...) à altura das circunstâncias e desempenharão seus papéis sociais *independentemente de nossas ideias habituais sobre quem pode e quem não pode fazer adaptações sociais (...)*” (BENEDICT, 2013, p. 182-183. *Grifo meu*). Para Ruth Benedict, os inadaptados fisiológicos não são os únicos inadaptados de uma sociedade, há aqueles cujas respostas comportamentais não receberam respaldo das instituições culturais, ou seja, aqueles que Mead nomeou de “inadaptados culturais”. Muito embora esse ponto do pensamento de Benedict pareça concordar com a divisão entre “inadaptados fisiológicos” e “inadaptados culturais”, proposta por Margaret Mead, a própria Benedict trata de demonstrar que não é isso, uma vez que a “deficiência” do inadaptado cultural é ilusória, pois simplesmente suas respostas inatas não são sustentadas pela cultura. Como ela mesma frisa, o inadaptado cultural é o que Edward Sapir chamou de “alienados de um mundo impossível” (BENEDICT, 2013).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao caminhar para a conclusão desse artigo, é de suma importância destacar o caráter pioneiro de *Padrões de Cultura* e, principalmente, de *Sexo e Temperamento*. As observações e propostas interpretativas de Mead e Benedict, apesar das contínuas críticas e aperfeiçoamentos, continuam tendo o seu valor e importância dentro da Antropologia da atualidade. Até mesmo aqueles que não comungam de suas ideias, passam por elas e suas produções intelectuais, devido à importância que a Escola de Cultura e Personalidade possui na história da Antropologia. A produção intelectual e a presença acadêmica das duas autoras aqui estudadas marcam

também o início de uma presença ativa das mulheres no cenário intelectual. Margaret Mead, sobretudo, marca o início da presença feminina na prática etnográfica, até então ambiente quase que destinado totalmente aos homens. *Sexo e Temperamento* e *Padrões de Cultura* estão muito além da análise dos povos exóticos. Mas configuram-se num esforço de pensar a cultura estadunidense daquela época, com suas contradições e opressões. O objetivo é “(...) lançar holofote sobre nossas próprias soluções, ao passo que em outros é possível encontrar sugestões para mudanças (...)” (MEAD, 2015b, p. 64). Já em 1928, quando Mead publica *Adolescência, Sexo e Cultura em Samoa*, ela irá dizer que,

(...)se quisermos apreciar nossa própria civilização, esse elaborado padrão de vida que fizemos para nós mesmos como povo e que tanto nos esforçamos para transmitir a nossos filhos, devemos confrontar com outras muito diversas (...) (MEAD, 2015b, p. 27).

Nesse esforço da construção de uma Antropologia que não seja uma simples pintura do outro, do exótico, mas de uma Antropologia que permita o conhecimento da sociedade que estavam inseridas, é que as autoras, antropólogas culturais, vão entender como a cultura, sendo a grande força que incide sobre a personalidade humana e sendo esta “maleável”, como quer Mead, ou “plástica”, como quer Benedict, molda os indivíduos para que eles estejam de acordo com a cultura. Mas ambas autoras entendem que a cultura funciona como a linguagem, possui suas regras próprias e concordam que a cultura é um grande arco em que uma série de interesses estão dispostos e a cultura fará uma seleção sobre quais interesses ela dará ênfase, quais ela rejeitará e sobre os quais ela não dirá nada (BENEDICT, 2013). Nos dizeres de Mead, a cultura constrói uma “tessitura social” para o correto e seguro desenvolvimento dos indivíduos, em que nessa tessitura alguns “novelos” são aprovados e outros rejeitados (MEAD, 2015a). O pensamento de ambas é extremamente marcado pelas influências do pai intelectual da escola de pensamento em que elas estão inseridas e que fora orientador e referência intelectual e profissional de ambas: Franz Boas. Muito embora seja o homem um ser biológico e essa biologia limite certas coisas, é a cultura, com suas instituições e agentes, que molda o indivíduo.

Mead vai chamar atenção para o fato de que embora o desajuste de um indivíduo com sua cultura possa ter raízes biológicas, o inadaptado é inadaptado, sobretudo, por possuir um temperamento que não está de acordo com os padrões temperamentais de seu povo ou porque em algum momento da sua educação na primeira infância houve uma falha no processo pedagógico. Ruth Benedict, por sua vez, embora reconheça que a origem da inadaptação possa residir em uma falha no processo pedagógico da criança (BENEDICT, 2015), para ela ser inadaptado é ser um indivíduo cujas disposições de temperamento ou de comportamento não foram “capitalizadas”, não foram respaldadas pela cultura (BENEDICT, 2015).

Benedict entende não existir um antagonismo entre o indivíduo e a sociedade. Ao contrário, eles são dependentes um do outro para que haja o pleno desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Essa ligação entre o indivíduo e a sociedade é tão estreita, que os padrões de cultura estabelecidos por uma sociedade só podem ser entendidos totalmente se a psicologia individual for levada em consideração. Nessa interdependência entre indivíduo e sociedade, que Ruth Benedict defende e na causa da inadaptação estar em alguma falha educacional da infância, fica muito evidente que todo o pensamento que Freud desenvolveu marcou profundamente a maneira como Benedict e Mead conduziram seus estudos. Já Boas, cuja influência sobre a obra de ambas é inegável, lia as obras freudianas, apesar das críticas que tinha as mesmas (CASTRO, 2015). As questões do Complexo de Édipo, da perversão e da relação entre a psicologia das massas e a psicologia individual estão muito presentes na forma como as autoras abordam a cultura e os inadaptados nas obras aqui analisadas. Ao investigar mais atentamente as obras, podemos ver que Mead ainda recebe influências das teorias de Piaget sobre a aprendizagem e o papel que a educação que os pais exercem no desenvolvimento da criança. Não por acaso é que ela dedicará boa parte da sua análise dos Arapesh, dos Mundugumor e dos Tchambuli a descrever e a refletir nos processos pedagógicos que as crianças desses respectivos povos recebem. A obra Benedict, por sua vez, tem uma profunda influência dos debates psicanalíticos e também, quando ela aborda a questão da homossexualidade, dos debates da psiquiatria de seu tempo.

À guisa de conclusão, é importante destacar que não é possível descrever o inadaptado de forma genérica. Isso, pois, o inadaptado – independente da origem da sua inadaptação – representa as capacidades humanas, que no arco cultural foram desprezadas por sua cultura (BENEDICT, 2015). Caminhando na mesma direção de Benedict, pensa-se que o inadaptado, à medida que percebesse caminhando na contramão de sua cultura, está sujeito a sofrer. Por isso mesmo, faz-se necessária uma “compreensão inteligente” das motivações do indivíduo, da cultura e dos segmentos do arco cultural que foram respaldados pela cultura e da concordância ou discordância dos padrões culturais com as características, inatas ou não, do indivíduo desajustado. A sociedade sempre supõe que todos os seus indivíduos serão plenamente adaptados a ela, mas o indivíduo

desajustado não pode ser tido como um ser que deve ser especificado e descrito a partir de uma psicologia individual anormal, mas sim que ele representa o tipo “não capitalizado” na sua sociedade (BENEDICT, 2015). O inadaptado é, na verdade, uma variação do padrão cultura dominante. Justamente por ser uma variação e não uma aberração social, o inadaptado de uma sociedade pode ser plenamente adaptado em outra sociedade, que tenha capitalizado outros elementos, outras disposições temperamentais. Não existirá, em nenhum tempo e em nenhum lugar, uma sociedade que não tenha em seu seio os seus “inadaptados”. Isso porque sempre haverá indivíduos alinhados com os tipos não respaldados pela cultura.

O conceito de “inadaptado” parece apontar que a “sociedade ideal” é aquela em que não existem inadaptados. Mas, caminhando na mesma linha de Ruth Benedict, não há sociedades sem inadaptados. A presença do inadaptado é antes de tudo, uma necessidade para o bom desenvolvimento da cultura dominante, para que ela possa pensar a si mesma e seus padrões. São os inadaptados que dão “liga” a estrutura social, mais que isso: o comportamento desajustado, ao ser colocado ao lado do comportamento ajustado, dará à cultura os caminhos e argumentos para reforçar e legitimar os comportamentos que possuem respaldo cultural.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Celso (Org.). **Cultura e Personalidade**. Trad. Maria Luiza de X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Trad. Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BENEDICT, Ruth. Configurações de cultura na América do Norte. In: CASTRO, Celso (Org.). **Cultura e Personalidade**. Trad. Maria Luiza de X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p. 66-109.

DONGO-MONTOYA, Adrián Oscar. **Teoria da aprendizagem na obra de Piaget**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HERRMANN, Fábio. **O que é Psicanálise?** São Paulo: Blucher, 2015.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. Trad. Rosa Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2015a.

MEAD, Margaret. **Adolescência em Samoa**. In: CASTRO, Celso (Org.). **Cultura e Personalidade**. Trad. Maria Luiza de X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015b. p. 17-65.